

INSTITUTO EDUCACIONAL “JMC”: UMA ABORDAGEM PELO PRISMA DA HISTÓRIA DA CULTURA

Davi Miguel Manço¹

UMA ESCOLA EM JANDIRA PODERIA TER FEITO HISTÓRIA?

Jandira é uma representante típica dos subúrbios da região metropolitana de São Paulo. Cercada por localidades de maior vulto – Barueri ao norte, Carapicuíba ao leste, Cotia ao sul e Itapevi ao Oeste – o município praticamente serve de dormitório para pouco mais de 120 mil habitantes, cuja maioria se vale diariamente da linha 8/Diamante da CPTM para dirigir-se à Capital a fim de batalhar para por comida na mesa da família².

Vigente o paradigma clássico que modelara tanto a pesquisa quanto a narrativa da História por muito tempo, uma cidade periférica como Jandira ficaria para sempre relegada também à periferia da História. Afinal, que grande evento aconteceu em Jandira? Nenhuma revolução ou golpe desdobrou-se a partir dali; e nenhum movimento social teve a cidade como palco. Do ponto de vista econômico, qual o impacto de Jandira? Nenhum, afinal não houve qualquer ciclo produtivo que passasse por ali para colocar a cidade no “mapa da História”. Qual grande vulto emergiu de Jandira? Por mais que os jandirenses mereçam nosso respeito, não de concordar que nenhum de seus “filhos” fez algo de importante para os padrões da historiografia tradicional.

O que caracteriza o modelo que chamamos aqui de história tradicional? Ao longo do século 20, prevalecera nos domínios da “ciência histórica” o entendimento que o trabalho do historiador seria oferecer explicações globais e estruturadas dos eventos, em especial por meio da interpretação de seu significado à luz de seu impacto nos âmbitos político, econômico e social. Para isso, deveria se valer de um referencial teórico que o habilitasse, de forma abrangente e assertiva, a entender o passado e fazer previsões para o futuro, por meio de

¹ Mestrando do programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura.

² Informações do site oficial do município:<http://jandira.sp.gov.br/jandira.php?section=historia>. Acesso em 02 de maio de 2018, às 10h30.

asseverações categóricas. Pesavento (2003, p. 10) nos esclarece que, no Brasil, ao longo do século 20, esse paradigma foi, em especial, o marxismo. Assim, somente eram captados pelo radar do historiador os acontecimentos para os quais se conferia relevância no contexto do conflito entre as estruturas de dominação e resistência, os movimentos sociais, os conflitos de classe, os eventos políticos que traduziam a tensão entre opressores e oprimidos. Guiado por tal paradigma, o historiador deveria, de fato, até mesmo por dever de ofício, relegar Jandira à periferia. Nada de novo ou importante acontecera em Jandira.

Ocorre que o paradigma clássico que rege tanto a pesquisa quanto a escrita da História durante muito tempo entrou em colapso. Nas palavras de Chartier (2002, p. 81) os diagnósticos feitos sobre a história nos últimos anos têm se valido de expressões inquietantes como “tempos de incerteza” e “crise epistemológica”. O que teria levado o campo da história a tal colapso do paradigma interpretativo até então vigente?

Em âmbito global tal ruptura encontra suas causas em eventos ocorridos em meados do século passado. O mundo do pós-guerra tornara-se por demais complexo: as questões postas ao longo da segunda metade do século culminaram em eventos como a Guerra do Vietnã e toda sua repercussão, o imperialismo soviético sobre o leste europeu, a crise de maio de 1968, as lutas pelos direitos civis, o feminismo e outros movimentos socioculturais de grande impacto e complexidade. Finalmente, a queda do muro de Berlim em 1989 foi um evento emblemático que levou, no campo teórico, a uma crítica severa ao modelo marxista, considerado *duro* nas suas aplicações ao real. (PESAVENTO, 2003, p. 12). Assim, esgotaram-se os modelos que aspiravam por explicações totalizantes, regimes de verdades e análises normativas no âmbito da história (2003, p. 8-9).

Colapsado o paradigma marxista, o que ficou em seu lugar? Ainda à luz do ensino de Pesavento a tendência atual que, de fato, deu novo impulso à disciplina pode ser descrita como História Cultural ou *Nova História Cultural* (2003, p. 13). Segundo essa autora, cerca de 80% da produção historiográfica acadêmica brasileira ao longo da década de 1990 desenvolveu-se a partir dessa abordagem (2003, p. 9). No que consiste a abordagem denominada História Cultural? Nas palavras de Pesavento: “Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (2003, p. 15).

O historiador inglês E. P. Thompson é apontado por Pesavento (2003, p. 12) como um exemplo dessa mudança de perspectiva. Antecipando uma tendência mais ampla que abrangeria outros intelectuais em momento posterior, Thompson rompe com o partido comunista de seu país em 1956, após a invasão da Hungria pela União Soviética. Esse erudito se afasta, então, da matriz teórica rígida do materialismo histórico para se voltar para outras questões e temas, que demandavam outros referenciais de análise (Cf. PESAVENTO, 2003, p. 13). A obra *Os Românticos* (THOMPSON, 2002), exemplifica bem o movimento de Thompson aludido por Pesavento. Nesse trabalho o autor procura compreender, entre outras questões, a trajetória do poeta inglês Wordsworth. É interessante o modo como Thompson vê paralelos entre a desilusão de Wordsworth – um homem politicamente engajado que, no século 19, rompeu com os ideais da Revolução Francesa para se reajustar aos valores ingleses tradicionais – e os intelectuais marxistas de seu tempo (THOMPSON, 2002, p. 96). O que ocorreu em ambos os casos: apostasia ou desilusão? Thompson trabalha a questão com profundidade, abordando a poesia de Wordsworth a partir dos referenciais da história cultural.

Porém, deve-se ressaltar que é difícil encontrar um denominador comum entre os autores que têm se dedicado a chamada *instância cultural*. Não se poderia esperar algo diferente. O colapso do paradigma materialista se deu, em parte, devido à sua rigidez. A proposta que vem ganhando força – ainda não totalmente cristalizada – por definição é fluida, preocupada mais em propor indagações, levantar dúvidas do que apresentar uma explicação para a realidade; é atomizada, preocupada mais em olhar com profundidade para aspectos da cultura e do real histórico do que em oferecer explicações totalizadoras. Assim, conforme ensina Pesavento, se por um lado não se deve buscar na história da cultura referenciais teóricos fixos, por outro, autores como Chartier e Ginzburg, de modo geral, “...trabalham com a mesma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas.” (2003, p. 17).

Se dificilmente o município de Jandira poderia figurar nos quadros da História tradicional, o que dizer de uma escola que funcionara ali (quando Jandira nem era ainda um município emancipado) entre as décadas de 20 e 70 do século passado? O Instituto “José Manoel da Conceição”, uma escola “mista” fundada na então Vila de Jandira (na época, no município de Barueri) por missionários protestantes seria considerado um acontecimento prosaico para o historiador tradicional. Mas os historiadores da cultura buscam resgatar pessoas e instituições da periferia da História para então trazê-los aos holofotes, procurando

ressignificar suas palavras, suas realizações e seus ideais. Nesse sentido, usando a expressão de Peter Burke (1992), olhando a partir da perspectiva da “história vista de baixo”, o Instituto JMC tem seu lugar. Pelo viés da História Cultural do Social, é possível que uma escola de Jandira tenha “feito história”.

A essa altura, duas perguntas devem ser levantadas: primeiro, o que há de peculiar no Instituto JMC que justifique uma abordagem do prisma da história cultural? Além disso, o que de fato é possível saber sobre a escola, a partir dos documentos disponíveis?

PIONEIRISMO EM JANDIRA?

Conforme nos relata Mattos (2014), o “Curso Universitário José Manoel da Conceição” (primeiro nome do Instituto) foi organizado em terreno cedido pelo Mackenzie College, usado até então como área de acampamento pelos alunos da Escola de Engenharia, em lugarejo então chamado de Vila de Jandira (nos limites da atual Barueri). O “Curso” surgiu como iniciativa conjunta de missões protestantes no Brasil (em especial presbiterianos, congregacionais e metodistas), com os objetivos de preparar futuros estudantes de teologia e ser um centro de formação em música sacra. As aulas tiveram início no dia 8 de fevereiro de 1928. O fundador do “educandário” foi o Dr. William Alfred Waddell (1862-1939), aposentado em 1927 como presidente do Mackenzie. Waddell era um missionário americano empreendedor: já idealizara o Mackenzie College e sua Escola de Engenharia, bem como uma escola no interior da Bahia. Ao seu lado, destacam-se como pioneiros o casal Rev. Charles Roy Harper (1895-1975) e Evelyn Douglass Harper (1899-1989). A fazenda que abrigava a escola, apesar de suas instalações precárias, estava em local estratégico: era “cortada” pela linha da Estrada de Ferro Sorocabana, em seu Km 32, o que “encurtava” a distância até a grande Capital. A cerimônia religiosa que marcou o início das atividades foi acompanhada pelos missionários já citados e pelo Rev. Roberto Lenington (1871-1939) – grupo que perfazia o corpo docente inaugural da escola – e pelos jovens Eduardo Pereira de Magalhães, Terêncio Vitorino e Tuffy Elias, primeiros alunos.

Como projeto educacional, o Instituto “JMC” foi inovador para o contexto brasileiro. Além das disciplinas convencionais (língua portuguesa, ciências sociais e naturais, matemática, entre outras) seus alunos recebiam um treinamento amplo, abrangendo áreas como línguas (inglês, francês, latim, grego e hebraico), filosofia (lógica, história da filosofia e filosofia propriamente dita), psicologia, pedagogia, literatura, música, economia, entre outras. Em seus primórdios, a escola se propusera a cumprir o papel de ser um “curso preparatório teológico”,

uma vez que os missionários perceberam que os postulantes brasileiros ao ministério pastoral, em virtude de defasagens em sua formação educacional, teriam dificuldades para acompanhar o ensino oferecido na academia teológica. Em carta de abril de 1928, pouco tempo após o início das atividades do “Curso”, Charles Roy Harper relata o seguinte: “Os jovens parecem estar contentes com seu trabalho e estudos (...). Se neste Curso nada aprenderem além de como estudar, já terão adquirido um componente de grande valor” (EIGENHEER, org., 2008, p. 11). A partir da década de 40, já com o nome de “Instituto”, a escola não tinha mais a finalidade de ser um “preparatório teológico”. Adequou-se às recém estabelecidas diretrizes da educação do governo brasileiro. Passou, então, a oferecer um curso de sete anos, sendo os primeiros correspondentes ao “ginásio” e os três últimos ao “clássico” (MATTOS, 2014).

Pouco mais de quarenta anos depois, o Instituto “JMC” formara mais de dois mil moços e moças, chegando a possuir mais de trinta docentes em seus quadros (muitos deles ex-alunos). O encerramento de suas atividades – alegadamente por esgotamento de suas finalidades, o que merece ser melhor investigado – é, até hoje, lamentado por ex-alunos e simpatizantes. O apreço dos “manoelinos” pela sua antiga escola levou-os a organizar, em 1992, a Associação de Ex-Alunos do Instituto JMC com o propósito de resgatar e preservar a memória do Instituto (MATTOS, 2014, p. 31). Para cumprir esse mister, a Associação foi capaz de reunir uma quantidade robusta de material de primeira mão. Por meio de cadernos primorosamente organizados foram preservados inúmeros documentos relacionados tanto ao corpo discente quanto ao corpo docente da escola, como cartas dos professores, todos os exemplares de uma revista publicada pelos alunos, documentos da secretaria, relatórios financeiros, etc. Além disso, inúmeras menções às realizações e palavras dos alunos do Instituto figuram nas publicações dos órgãos de imprensa das denominações protestantes ligadas à escola (em particular presbiterianos e independentes). Há fontes hábeis e fartas para uma pesquisa histórica importante sobre a escola protestante de Jandira.

A essa altura, questões pertinentes se impõem: à luz dos documentos históricos disponíveis, o que se vislumbra de peculiar no Instituto JMC? O que justifica uma abordagem dessa escola pelo prisma da História Cultural?

UM RABELAIS EM JANDIRA?

Uma teoria proposta por Mikhail Bakhtin talvez seja importante para embasar teoricamente uma justificativa para o presente trabalho. Ao estudar a literatura de François

Rabelais, escritor de destaque no início do Renascimento francês, Bakhtin (1999) propõe que os festivais carnavalescos e a dramaturgia cômica popular da Alta Idade Média são o *sitz im leben* da linguagem grotesca característica das obras de Rabelais. Bakhtin demonstra que os aspectos ditos populares e eruditos da cultura não são estanques; na verdade, influenciam-se reciprocamente. Em sua reflexão, o autor russo mostra que o *grotesco* literário de Rabelais eventualmente tornar-se-á uma clara influência da literatura realista dos séculos seguintes produzida por autores como Hugo, Dickens, Balzac etc (1999, p.45). Em outras palavras, Rabelais, o erudito, circulou entre as pessoas simples, transmitindo a elas sua cultura e instrução. Sem dúvida, a presença de Rabelais entre os aldeões os influenciou decisivamente. Por outro lado, o próprio Rabelais apropriou-se do linguajar e da cultura popular de seu tempo.

Mais tarde, o historiador Carlo Ginzburg, em sua obra *O queijo e os vermes* (2006), valer-se-á de Bakhtin como referencial teórico para estudar o interessante caso de Menocchio, um moleiro friulano que, a seu modo, apropriou-se da visão de mundo de pessoas instruídas de seu tempo. Conforme ensina Ginzburg, casos como o de Rabelais e Menocchio servem para ilustrar aquilo que os historiadores da cultura têm chamado de *circularidade cultural*. Ideais, conceitos, cultura, não são elementos estanques, mas circulam com certa liberdade entre os diferentes estratos sociais.

Voltando a Jandira, consideremos as partes envolvidas na iniciativa educacional dos protestantes: de um lado, tem-se um quadro docente composto, no estágio inicial, por professores que receberam sua formação na tradicional Universidade de Princeton, certamente entre as melhores escolas dos Estados Unidos à época; de outro, moços e moças provenientes de todas as partes do país, com pouca bagagem cultural, egressas de famílias pobres e que, em nenhum outro contexto, poderiam ter proporcionado uma educação de nível tão sofisticado para seus filhos.

Sendo assim, por meio do Instituto, elementos da aristocracia americana, munidos da melhor educação disponível à época, tornaram-se mentores de jovens das camadas menos favorecidas da sociedade brasileira. Nesse sentido, teria o JMC sido um agente de circularidade da cultura entre as classes dominantes e subalternas, tal como sustentam Ginzburg (2006) e Bakhtin (1999)? Não teriam os missionários agido “à la” Rabelais, trazendo sua erudição e cultura ao interior paulista, influenciando de modo decisivo a trajetória de vida dos alunos do Instituto?

O robusto *corpus* documental que relata a jornada tanto do Instituto quanto de seus professores e alunos parece indicar que sim. Alguns dos ex-alunos do Instituto JMC, originários das classes populares, acabaram por desempenhar um papel de protagonismo cultural na sociedade brasileira ao longo do século 20. Teria tal protagonismo sido possível, senão como uma resultante da circulação e transmissão da cultura entre as classes? Analisado sob a ótica da história da cultura, não se evidenciaria o JMC um “case” formidável do conceito de circularidade cultural? São questões que apenas o estudo aprofundado será capaz de responder.

Se houve circularidade, contudo, isso se deveu em grande medida a alguns aspectos distintivos da escola protestante. Afinal, o Instituto JMC sustentava uma cultura educacional peculiar e vanguardista. Em um dos cadernos organizados pelos ex-alunos, Emílio Eigenheer (2008) destaca alguns aspectos muito particulares da visão educacional do Instituto JMC.

Primeiro, fazia parte da cultura educacional do Instituto fomentar um ambiente de *cooperação e convivência*. Os relatos informam que havia convívio intenso e diário entre professores e alunos: até os parâmetros arquitetônicos da estrutura que foi se erguendo aos poucos nas dependências da antiga fazenda remetia a um “campus” conforme os padrões norte-americanos, visando um equilíbrio entre as moradias dos mestres, o alojamento dos estudantes e as instalações para ensino (EIGENHEER, 2008, p. 8). De modo vanguardista, imbuído desse espírito de cooperação e solidariedade, o Instituto JMC desenvolveu desde seus primórdios mecanismos pedagógicos de nivelamento de seus alunos: tendo em vista que recebia meninos e meninas de diferentes idades e em diferentes estágios de formação, a escola deveria estar pronta para compensar as defasagens e capacitá-los à acompanhar o currículo. Tanto mestres quanto alunos mais avançados se lançavam a tarefa de ajudar os recém-chegados nesse processo de nivelamento.

Segundo, o Instituto estimulava a *criatividade e a realização* por parte dos alunos. Ao longo de sua trajetória, por meio de diversas entidades estudantis, foram sendo implementadas atividades extracurriculares riquíssimas. Duas agremiações tiveram grande destaque, o Grêmio “Castro Alves”, com fins literários, e o Grêmio “Miguel Torres”, com propósitos religiosos. Em 1935, foi lançada a revista *Vox Clamanti*, que no ano seguinte passou a circular com o nome *Idealista*. Os alunos organizaram também o Grêmio Esportivo JMC, a Associação de Moços do JMC e o Clube de Inglês. Além dessa rica vivência interna, eram constantes as excursões organizadas pela escola. Caravanas de “manoelinos” (como eram conhecidos os alunos do Instituto) percorreram o Brasil, mormente com propósitos religiosos e musicais.

Terceiro, a escola era entendida como um ambiente de *atribuição de responsabilidades*. Aos alunos eram atribuídas certas tarefas das quais se desincumbiam de forma espontânea. Eles não se ocupavam apenas dos estudos, mas também das atividades de manutenção da vida no “campus”, desde a limpeza das dependências até a elaboração das refeições. Conforme relata Eduardo Chaves, citado por Mattos, havia um censo de dever tão aguçado por parte dos discentes que a execução de tais tarefas não ocorria em virtude de fiscalização. Além de causar um impacto moral relevante sobre a vida dos alunos, esse elemento peculiar da cultura educativa do Instituto teve também desdobramentos sociais. Em virtude dessa prática cooperativista, o JMC não precisou de muitos empregados, o que diminuiu consideravelmente suas despesas e viabilizou o ingresso de jovens muito carentes, que com seu trabalho pagavam por um estudo excelente (MATTOS, 2014, p. 31).

Do quadro de ex-alunos do Instituto, é possível identificar muitos com uma trajetória pessoal de protagonismo, não apenas no âmbito das denominações protestantes, mas em setores estratégicos da sociedade brasileira (música, educação, tecnologia, etc.). Grande parte desses agentes sociais protagonistas eram provenientes de setores populares da sociedade da época. Sua instrução, em grande medida, deveu-se à sua passagem pelo Instituto JMC. Assim, parece ser razoável supor que o Instituto JMC foi agente fomentador de circularidade cultural. Em certa medida, a *cultura educacional* abraçada por esta instituição – que dentre outras coisas, encorajava o convívio interno e as trocas de vivências culturais criativas entre professores e alunos – provavelmente foi um elemento relevante nesse sentido.

INSTITUTO JMC E HISTÓRIA DA CULTURA: OUTRAS APROXIMAÇÕES

Por si só, o conceito de circularidade da cultura tornaria o Instituto JMC de Jandira um objeto de estudo instigante para o historiador cultural. Contudo, a trajetória histórica da escola dá ensejo a outras reflexões, documentalmente auferíveis, a respeito das quais vale à pena nos determos com mais vagar.

Deve-se destacar, primeiramente, a importância da experiência educacional de Jandira para a questão do diálogo pluricultural. Por um lado, os proponentes da iniciativa são protestantes recém-chegados ao Brasil, uma minoria procurando encontrar seu espaço em uma sociedade oficial e homogeneamente católica. Como esse grupo poderia exercer protagonismo social e propagar sua fé e seus ideais sem receber (com seria natural e até legítimo) uma resposta hostil, caso sua postura fosse interpretada como proselitismo grosseiro?

Parece-me que, em sua fase de inserção na sociedade brasileira no início do século 20, os protestantes encontraram na educação um caminho para o diálogo entre “plurais”. O registro documental mostra que tanto o Instituto JMC quanto a Escola Americana (posteriormente, Mackenzie College) abrigaram com absoluta cordialidade alunos de diferentes procedências religiosas. O caso de Jandira, porém, talvez seja mais emblemático. Por muito tempo, o Instituto JMC foi a única instituição de ensino relevante em toda microrregião. Em virtude disso, a escola protestante deixou marcas indeléveis na história de Jandira. A primeira instituição de ensino governamental importante instalada no município foi o Grupo Escolar Professor Vicente Themudo Lessa e surgiu apenas nos anos 50. Em 1973, o governo estadual construiu na cidade uma escola importante que hoje denomina-se EE Professor Vicente Themudo Lessa. O duplo patronado homenageando um antigo mestre do Instituto JMC é um dado relevante. O esforço educacional dos protestantes fora apreciado e reconhecido, fazendo da escola um ambiente de convivência comum e pacífica para pessoas egressas de contextos religiosos e sociais díspares.

O caminho apontado pelos protestantes no início do século (particularmente na experiência de Jandira) talvez lance luz sobre problemas atuais. Autores importantes como Said (1995) e Spivak (2010) escreveram, respectivamente, sobre produções culturais de “resistência ao imperialismo” e sobre a importância de se dar voz ao subalterno. Oportunidades de inclusão social, diálogos em um contexto plural, conquista de espaço de protagonismo no debate cultural por parte das “minorias” e outros tópicos do gênero apontam para questões da maior relevância em uma sociedade brasileira altamente diversificada e de grande complexidade. De fato, no atual contexto em que polarizações e beligerância se exacerbam é preciso abrir vias de diálogos entre divergentes e diferentes. A experiência de Jandira, nesse sentido, evidencia que a convergência de interesses na busca do bem comum – no caso, a educação – é um caminho para abertura de vias de diálogo e criação de espaços de convívio para grupos sociais que ostentam crenças diferentes e, eventualmente, visões de mundo conflitantes.

Além disso, o Instituto JMC trilhou sua trajetória em um período histórico particularmente interessante. A escola é fundada no crepúsculo da década de 20, às vésperas de uma crise financeira de proporções colossais e na iminência de uma grande virada na história política do Brasil. Sua jornada tem início, portanto, em tempos de grande efervescência, em especial no cenário paulista. Seu estabelecimento e florescimento são vivenciados em tempos turbulentos, dentro e fora do Brasil. No cenário internacional, o mundo experimenta o horror da Segunda Guerra. Internamente, Vargas se consolida no poder e estabelece sua “era” em nossa

história política. Por fim, da mesma forma, o ocaso do Instituto, entre os anos de 68 e 69, coincide com um dos mais sensíveis e tensos momentos político-culturais da história recente, no país e no exterior. Lá fora, a Guerra do Vietnã tinha seu início e estudantes universitários de Paris iniciavam um movimento de protesto que ganharia repercussões mundiais. No Brasil, protestos contra o regime militar acirravam as tensões sociais: o conflito na Rua Maria Antônia, as prisões de figuras de vulto como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Carlos Lacerda e, finalmente, a promulgação do AI-5 são suficientes para exemplificar a criticidade do momento.

É prematuro imaginar que as fontes documentais levantadas permitirão traçar correlações entre a trajetória do Instituto e os grandes eventos que marcaram o período histórico do século 20 no qual suas atividades se desenrolaram. Contudo, aproximações devem ser feitas, caso os documentos permitam. Em especial, as circunstâncias por trás do encerramento das atividades do Instituto, em momento histórico tão crítico, são dignas de serem averiguadas. Eigenheer salienta que “a ideia que prevaleceu para explicar o fechamento do JMC foi que a proliferação e o florescimento de escolas de ensino médio tornavam não mais necessária uma especial (...)”. O próprio *alumnos*, em sequência, pontua: “Uma questão a ser melhor discutida” (2008, p. 8). Mattos apresenta um cronograma de eventos que tornam ainda mais intrigante a questão do fechamento da escola. A partir de 1960 a Igreja Presbiteriana do Brasil tornou-se a mantenedora única do Instituto. Em 1962 seu Supremo Concílio (órgão máximo da hierarquia denominacional) registrou em suas atas voto de apreciação “pelos inestimáveis serviços que o JMC tem prestado à igreja”. Mais tarde, em 1968, a Comissão Executiva do Supremo Concílio, ao aprovar o relatório da instituição, registrou “com alegria, o fato de que os problemas estão solucionados e a instituição vive clima de prosperidade e regularidade administrativa.” Contudo, conforme salienta Mattos, após somente dois anos parece que tudo havia mudado. Em 1970 o Supremo Concílio homologou a decisão tomada pelo Conselho Deliberativo do Instituto JMC de fechar as portas da escola, pelo fato deste não estar mais cumprindo a finalidade para o qual foi criado.

CONCLUSÃO: UM LONGO CAMINHO PELA FRENTE

Em um sítio de instalações precárias de uma cidade trivial, houve uma escola. Mestres e alunos conviveram em harmonia, experiências de ensino e aprendizado foram trocadas, amizades foram forjadas, músicas foram compostas, literatura foi escrita, cultura foi produzida. Para a história cultural, Jandira e o Instituto JMC tem uma rica história para contar.

O autor do presente artigo pretende fazer do Instituto JMC o tema de seu trabalho de mestrado. Não se pretende, contudo, que tal trabalho culmine em uma reconstrução histórica. Tal empreitada, por si só, tem grande valor, uma vez que as vivências e contribuições acima descritas devem ser recordadas e reconhecidas. Porém, em certa medida, essa tarefa já foi levada à cabo pelos ex-alunos do Instituto com muita propriedade. Certamente, recontar a história deles é tarefa deles, e isso tem valor *per se*.

A tarefa a ser feita e que, no limite do possível, agora se assume, não é de caráter descritivo, e sim analítico. Nesse sentido, um de nossos objetivos gerais ao longo da pesquisa será interpretar documentos e relatos relacionados ao Instituto a partir da ótica da história da cultura, aplicando conceitos como o da *circularidade cultural*. Além disso, têm-se também como objetivo geral averiguar em que medida o Instituto foi um ambiente que prestigiou o convívio plural e o diálogo entre grupos diferentes. Por fim, como objetivo específico, extrapolando-se o conceito de circularidade, buscar-se-á estabelecer conexões interdisciplinares entre educação e história, avaliando as experiências educacionais do Instituto a fim de se destacar os elementos de seu modelo educacional que contribuíram para fazer com que seus alunos viessem a exercer papéis de protagonismo social, mesmo emergindo de contextos socioculturais desfavoráveis. É claro, um trabalho como esse deve ter um viés crítico. Certamente os documentos revelarão aspectos negativos da experiência. Em especial, caso os dados permitirem, espera-se que as circunstâncias em torno do fechamento da escola sejam melhor esclarecidas no bojo da pesquisa.

A história, portanto, aconteceu também em Jandira. Na verdade, ela acontece o tempo todo, em todos os lugares, em todos os segmentos sociais, em cada vivência individual. A história da cultura ampliou *ad infinitum* as possibilidades de abordagem, trazendo à paleta do artista da história uma enorme gama de matizes. A possibilidade de se produzir retratos belíssimos foi potencializada. A partir de agora, tudo é uma questão de lançar mãos à obra e demonstrar talento.

Portanto, ao trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTHIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Unb, 1999.

- BURKE, P. (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- CHARTIER, R. *À Beira da Falésia*. Porto Alegre: Ed. UFRS, 2002.
- EIGENHEER, E. M. (org.). *Cadernos do Instituto José Manoel da Conceição, n. 2. Um Campus para o Senhor – O JMC na perspectiva dos Missionários norte-americanos*. São Paulo: Associação Alumni/ae do Instituto José Manoel da Conceição, 2008.
- GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- MATTOS, A. *Instituto José Manoel da Conceição*. In: *Servos Ordenados*, Ano 10, nº 40, Jan-Mar 2014. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.
- PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SPYVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- THOMPSON, E. P. *Os Românticos: A Inglaterra na Era Revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.